

A Vida Simples

Claudio Miklos

Nos últimos tempos tenho pensado muito em como seria maravilhoso adquirir o mérito de viver simplesmente, em algum lugar aberto, pleno em verde e azul, abrigado das loucuras do mundo. Notem bem, não afirmo que desejo viver isolado do mundo, mas sim um dia viver livre destes vícios cotidianos que minam tanto nossa saúde física e mental. Este anseio não é novo para mim, já faz parte de minha vida há muito tempo. Mas ultimamente ele tem retornado com pinceladas mais fortes de sonhos e emoções. Talvez, justamente devido à complexidade do mundo moderno, suas exigências tão grandes, o ideal de vida simples esteja me assaltando mais fortemente como que para compensar a frustração das rotinas mecânicas, a fragilidade das idéias superficiais, o medo dos fracassos profissionais e afetivos que eu, assim como tantos de nós, vivencio todos os dias.

Imagino o bem que seria poder conversar com as pessoas sem pressa, sabendo harmonizar em minha voz as palavras e os silêncios tão necessários para dar aos nossos discursos a sabedoria das belas afirmações. Viver sob a égide do equilíbrio, e assumir o próprio tempo sem a tensão dos compromissos formais. Olhar os céus, conversar com estrelas. Saber caminhar nas ruas sem ter que desviar das pessoas frenéticas (eu mesmo deixar para trás este frenesi moderno, esta concepção de que apenas através das futilidades é que poderemos atingir a realização), e principalmente acordar de manhã e descobrir, em meu coração, uma paz insuspeita e plena. Eu exercito uma bela prática espiritual em minha vida, todos os dias, e já consegui viver maravilhosas experiências de equilíbrio e sabedoria. Cresci muito como ser humano, mas sei que ainda estou longe de cruzar completamente o implacável rio das insatisfações humanas, atingindo a outra margem da existência.

A vida simples. Onde ela está? Em qual esquina, em que país, qual será a direção que nos

conduziria a ela? Mais do que isso: aonde, em meu ser, habitará o mérito maior de saber-me livre das dúvidas e incertezas, e que me permitirá reconhecer a simplicidade da vida através de minhas próprias ações diante do mundo? Pois, afinal, a complexidade somos nós mesmos que criamos. Ela faz-se inerente à inquietude do espírito humano. Não, nem mesmo isso; para ser mais justo, ela pertence à inquietude da faceta egoísta e diferenciadora da mente humana.

Houve um tempo em que eu imaginava ser a vida simples um ato de despojamento material, um abandono das vaidades e apegos, uma opção por menos responsabilidades e compromissos. Mas aos poucos, percebi que a simplicidade – ela mesma – vicejava em algo muito mais simples: ela habita o âmago de nossas escolhas, nossas opções, diante dos atos. De fato, a vida simples independe das vicissitudes do mundo neurótico em que vivemos. Independe se somos varredores de rua ou presidentes de megacorporações financeiras; ela depende de nossas escolhas. Pois, em função destas – e apenas devido a isso – corremos o risco de ser varredores de rua mesquinhos ou presidentes inescrupulosos.

Oh, sim. É claro que os nossos vícios de hábito têm um papel extremo no modo como escolhemos e agimos. E é evidente que tais vícios determinam boa parte de nossa busca por uma verdadeira qualidade de vida. Contudo, justamente por isso é preciso apreender melhor o sentido de nossas escolhas, depurá-las e curar nossa alma das decisões ignorantes. Mas, quando chego a este ponto, começo a me questionar: já não estou novamente complicando demais?

O fato é que sabemos pouco sobre escolhas conscientes. Mas sabemos muito sobre desejos e sensações, e vivemos mergulhados no ritmo das escolhas relativas. Pois, saibam todos de uma verdade inalienável: a vida, sob todos os aspectos, é pura sensação. Cada aspecto das nossas experiências existenciais se fundamenta nas sensações, esse manancial de estímulos que constrói todo o nosso universo pessoal de experiências, e que forja caracteres e personalidades. Observe, perceba: a sua vida existe por força das sensações. Você olha, cheira, toca, ouve, experimenta. São estas as portas pelas quais a vida penetra em sua mente e coração. Não existem outras portas além destas, no que diz respeito à

concretude do mundo. Todo o tempo, sentimos. E essa sensualidade determina nossas elaborações mentais, criando condições para que desejos, ambições ou conceitos determinem o grau de complexidade em nossas vidas.

Eis porque todos os seres, invariavelmente, são caçadores de sensações. Pense bem: o quê lhe estimula a buscar mais vida, mais ganhos, mais sucesso? É o prazer, as sensações inebriantes de orgulho, sucesso, poder, beleza, gozo diante da vida. Sim, muitas vezes traduzimos tudo isso como "felicidade", mas não é bem assim. O usufruto das sensações, por mais prazerosas que possam ser, está diretamente proporcional ao modo como escolhemos experimentá-las e não ao modo mais saudável de vivê-las. E isso, apesar de nossas expectativas, não têm a ver com a felicidade, mas – e mais uma vez – com nossas escolhas. Em outras palavras, ao contrário de realizar a felicidade, nós realmente desejamos experimentar e usufruir das melhores sensações. Esse erro de interpretação vem a ser o mais fundamental aspecto da ilusão (maya, em sânscrito) na existência, e que determina todo o complexo de insatisfação (duh:kha) e ignorância (trishna) que se mesclam aos momentos de êxtase e alegria em nossas vidas.

Mas, então, em quê momento a felicidade se traduz na vida simples, se também neste caso o prazer de "simplesmente ser" faz parte do inescapável limite das sensações? A certeza para responder a esta pergunta ainda me escapa, mas já adquiri suficiente maturidade para desconfiar que a resposta está no equilíbrio entre aquilo que sentimos e o modo como escolhemos senti-lo. Tudo tem a ver com a forma que nossa consciência é estimulada e desenvolvida em nosso ser. Apesar das perdas e tristezas, a despeito dos fracassos e desânimos, todas as nossas experiências emocionais serão sempre derivadas da maneira como faremos amadurecer, em nós, as nossas expectativas e nossa determinação para viver realmente com coerência e sabedoria.

Assim, vivemos um mundo de sensações. Entretanto, não sabemos que a maior fonte de bem-estar e felicidade está na valorização consciente das mais simples sensações, e não daquelas mais elaboradas. A vida simples apresenta-se como uma opção para a futilidade do mundo, além das modas e manias, muito além da crueldade humana. Ela pertence à ação de

correta escolha entre o consumo egoísta dos prazeres ou a vivência fluida (natural) das descobertas e aprendizagens cotidianas. Mas o consumo, o usufruto desenfreado dos aspectos mais intensos da vida, é muito sedutor para ser desprezado. Para muitos de nós, a realização passa pela elaboração e o uso constante de tudo o que se apresenta à nós como prazeroso ou estimulante. As bases para tantos sofrimentos pessoais e coletivos estão nos conceitos de consumo, na forma como a sociedade humana moderna entende o ideal de realização e sucesso – poucas são as pessoas que enxergam a realização em suas vidas como algo diverso das experiências sensoriais imediatas, tremendamente excitantes, e definitivamente complexas de poder, beleza, fama, conquista social.

Observo os erros e acertos em minha própria vida, e procuro neles o elemento essencial da felicidade. Ao procurar esta essência tão ansiosamente, tento ao mesmo tempo alcançar aquela simples vida, aquele despojado e fácil ideal de viver livre e em paz comigo mesmo. Creio firmemente existir uma saída para a angústia e a miséria da alma humana, as quais contribuem para que tantos de nós (senão todos nós) passem pela existência completamente iludidos pelas mais variadas formas de paixões, apegos, vícios e loucuras. Considero que há como superar a premente necessidade de viver sob o peso das responsabilidades materiais, o medo da solidão, a preocupação com as contas, a valorização exagerada dos relatórios de trabalho ou a ascensão na empresa. Mais ainda, penso que existe um meio de se viver feliz, simplesmente.

Uma casa simples e iluminada, pessoas tranqüilas com quem passar o dia, flores na janela e o cheiro de vida perfumando o ar. Quantos de nós sonham com isso? Muitos, com certeza. Entretanto, eu ousar dizer que a maioria dos que sonham com a paz de uma vida materialmente simples dificilmente agüentaria viver neste ambiente silencioso e despreocupado por mais de um ano, talvez dois. Existe uma inquietude em nossas almas, e até mesmo os mais afinados com o ideal de bem-estar sofrem com a insatisfação e o anseio pela excitação do mundo. Mas, será isso um erro, talvez uma "heresia" contra a naturalidade? Não creio que seja assim. Eu apenas acho que nos falta a idéia correta sobre o quê realmente é a vida simples, e o quanto esta simplicidade nos advém não através

de viver – obrigatoriamente – em uma casa sem televisão ou luz elétrica, ou em meio a um bosque rico em flores e frutos, mas sim de se viver sabendo escolher com consciência e maturidade. A vida simples se manifestará em nossas existências se e tão somente quando soubermos entender as nossas escolhas de forma realmente profunda, sábia e sem conflitos. É a mente, meus amigos, que abriga a chave de nossa felicidade. E é a mente (por "mente" quero dizer a percepção aliada à sensibilidade) que pode nos conduzir à compreensão suave e simples das circunstâncias que regem o nosso cotidiano.

Também eu gostaria de um dia viver em uma casa simples, com um jardim verdejante e fresco, e passar os dias ouvindo o riso límpido de minha pequena filha. Também eu sonho com rostos amigos e um mundo sem fronteiras ou diferenças. Mas sei muito bem que o mais valioso dom da simplicidade habita o meu coração, e será através de minhas próprias superações pessoais que ele será realizado.

E então, caminho nas calçadas, entre o frenético ir e vir das pessoas, esforçando-me para enxergar sempre o melhor do mundo. Enfrento as difíceis exigências de trabalho, lido com minhas perdas, ganhos ou frustrações esperando descobrir, a cada situação, a sabedoria de viver corajosamente – mas sem conflitos. É um embate de toda uma vida entre a luz da sabedoria e as trevas da ignorância, mas não considero uma guerra; não, não é uma guerra porque não há nenhum inimigo para destruir, nenhuma riqueza para conquistar, nenhum território para ambicionar. Apenas, diante das necessidades e loucuras do mundo, estamos todos enfrentando nossas próprias opções, e devemos urgentemente aprender com isso. O embate por uma vida simples é uma cura. E através desta cura, saberemos compreender o mundo de uma maneira tão universal e completa que, finalmente, atingiremos o ponto de equilíbrio, o centro da roda sempre implacável da existência, que gira incessantemente para todos os seres e coisas do Universo.

Não há simplicidade mais completa além daquela que objetiva a felicidade do coração.

Tam Huyen Van – 14 de Março, 2007

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-vida-simples-1>